

## A Bunda E Nádegas a declarar

Momento vai, ninguém explica, pra onde vai, atraí pensamento não sai, esquecimento não cai, mas aquela imagem que persegue, entregue nela fico viciado na pele, na circunferência de duas esferas, quimeras de carnes recheadas por hora achatadas, chamadas de nádegas, sem convenções imundas, eu as chamo de bundas.

Pilares da sociedade, independente da idade, legitimidade, as vejo no ônibus a rodar a cidade, uma me chama atenção, doce menina, apaixonada pela sua exuberância bundial, bundão na visto igual, no momento me consumia, mais uma jornada, incumbência para realizar eu teria, achar a moça que com a bunda, me conquistaria.

No banco traseiro do coletivo a um mendigo me dirijo me confessa que a bunda, beleza divina, é pela louca sina, rejeitada pela crença cristã, é taxada pagã, religião insana, que ama, disputa e engana, ao saber que a bunda, acima de tudo é humana, está os nomes dos homens, na dona Raimunda, representante máxima da bunda, em toda raça, visível na praça mas sua figura iconoclasta, fonte dos bandidos de gravata abstrata a aceitação, marginalização da afirmação, que a bunda é o símbolo da nação.

Desço no ponto primordial, que converte todas as linhas da cidade Catatau, e as curvas das bundas me alucinam, piram, excitam. As recaídas, as tripas me doíam, as rechonchudas, no esqueleto me derreto, as joviais, nas mãos cabiam, apalpáveis senhoritas, por mim nada sentiam. As grandonas tinham um trabalho bem feito, sua bunda linda e grande, refletia no tamanho proporcional do peito, mulher cobiçada não precisa ser bela, apenas ter uma bunda empinada para gerar as fantasias de homens banguelas.

A mulher se tornou um instrumento, e a bunda até o exato momento, é mostrada em todos os estabelecimentos, mas nisso não concordo nem aguento, para os poetas somente eu entendo, a mente deles deve permanecer por todo o tempo.

A bunda é completamente imparcial, não limita o nível social, apenas a bondade da genética, que evitaria ter uma bunda esquelética, mas

não esquecemos que ela é eclética, pois segue a linha hermética de possuir uma naturalidade estética, estimula o mercado e toda a indústria da cosmética.

Chegando a minha querência, sinto a magistral presença da beleza feminina, doce menina já conhecia, no ônibus minutos atrás avistaria, aos 20 aninhos se desfazia, “belezura” se chamava Ivone, seu nome, seu telefone, tudo já possuía, mas o que mais me doía, é sua aparência, pelo infinito não prosseguia, seu fim é trágico, é de plástico, ou melhor, Ivone, de silicone.

*Thor Veras*